

Vergonha da própria existência (sim, eu tive)

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

RESUMO:

O texto narra as memórias de infância de um menino negro crescendo em uma cidade pequena do sertão baiano, lidando com questões de identidade, vergonha e exclusão. Reflete sobre a descoberta da homossexualidade em um ambiente familiar que não discutia raça ou sexualidade de forma aberta. A narrativa explora a construção da vergonha associada à homossexualidade e à herança de um parente gay marginalizado, além de como o protagonista criou mecanismos de defesa e sobrevivência, como o uso de uma "máscara" para esconder sua verdadeira identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, Vergonha, Homossexualidade, Família, Racismo.

ABSTRACT:

The text recounts the childhood memories of a Black boy growing up in a small town in the Brazilian sertão, dealing with issues of identity, shame, and exclusion. It reflects on the discovery of homosexuality in a family environment that did not openly discuss race or sexuality. The narrative explores the construction of shame associated with homosexuality and the legacy of a marginalized gay relative, as well as how the protagonist developed defense mechanisms, such as the use of a "mask" to hide his true identity.

KEYWORDS: Identity, Shame, Homosexuality, Family, Racism.

Vergonha da própria existência (sim, eu tive)

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

“[...] o caso de um menino, que conto agora. Menino como os outros, como esses milhões de meninos do Brasil, anônimos, enfiados pelo mato, pelas roças, pelas vilas, cidades e prédios.” (TREVISAN, 2017, p. 117).

Eu gostava, desde cedo, de escrever cartinhas ilustradas com desenhos e traços e contornos típicos de criança imaginativa, feliz em ter a mãe capturada no retrato pintado. Eu a desenhava linda, de cabelos frondosos e encaracolados, boca farta e vermelha, olhos grandes e pele marrom-amarelado-encorpado. Não tinha resistência a essa cor, éramos todos variações do marrom: minha bisavó, mãe e irmãos, exceto minha vó; ela tinha pele clara, cabelos pretos lisos e ondulados, lábios grossos e nariz largo.

Era assim minha família! Não falávamos das nossas diferenças em pautas politizadas ou hasteadas como bandeira em honra e orgulho. O meu mundo era minha casa, cheia de gente com quem me identificava; por conseguinte, se eles não se identificavam com raça alguma, eu também não.

Posto isso, antes de ter a presença de “ou-tros outros” que correspondiam a todos os demais sujeitos exteriores à comunidade familiar, eu vivi, de certo modo, alheio às minhas diferenças e, naquela fase, nem poderia saber, porque muita coisa do mundo era um difuso enigma. Apenas tinha a consciência de ser o último filho de minha mãe, uma auto identificação referenciada por bases relacionais que aconteciam no âmbito de uma família que, até então, era totalizante, pois mediava as relações que eu tinha dentro e fora dela e, nesse sentido, muito da minha vida cotidiana transcorria entre ou à volta da família (DONATI, 2008).

Vergonha da própria existência (sim, eu tive)

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Eu fui uma das crianças da epígrafe que abre esse texto, vivendo numa cidadezinha do sertão baiano de ruas largas, outras nem tanto, mas todas pacatas e silenciosas. Ali, as coisas próprias da modernidade tardavam a chegar, as horas custavam a passar e não carecia urgência, por isso, os passos eram sem pressa, prolongados em pausas de “proseios” aqui e acolá. Era um lugar pequeno no qual se sabia tudo, ou quase tudo, de todos.

Nessa atmosfera, a família de origem ainda era definidora do status social e determinava o acesso, ou não, à cidadania plena, bem como mantinha incrementada a lógica da filiação natural que desprezava o “bas-tardo”, preservado na conotação pejorativa (PERROT, 1993). Eu não sabia, mas, nessa época, as perspectivas dos “outros” sobre mim não eram individualizadas, a julgar pela estratificação social transmitida dos progenitores para a prole; assim, eu não era a “pessoa em si”, era membro de uma “certa família” (DONATI, 2008), na qual a mãe e pai eram uma só pessoa que, como mostra Perrot (1993, p. 76), “[...] geralmente a mulher, mãe solteira [...] assume a guarda e o encargo dos filhos [...]” e, também, por esse motivo, recebia a pecha e o prognóstico de não ser capaz de desempenhar correta e adequadamente o seu papel como família.

Havia na criança que eu fui – espoleta, ri-sonha, comunicável e traquina – um pouco do personagem Zezinho de José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) que, por tantas diabruras, diziam ter o “tinhoso” no corpo. Digo isso, porque, por via de regra, a reboque das minhas diabruras, os meus irmãos mais velhos – um menino e uma menina – sob alvoroço ou insuflados por um aborrecimento qualquer, alvejavam-me com xingamentos ou apelidos, mas havia um que era notadamente infalível: “seu viadinho!

Eu revidava-os expondo, no diapasão exagerado, suas características sobressalentes e, se não surtisse o efeito desejado, inventava deformidades jocosas ou falha moral esdrúxula. Inicialmente, não me sentia entrincheirado entre os meus

Vergonha da própria existência (sim, eu tive)

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

irmãos, posto que nossas zangas, atritos e litígios processavam-se no perímetro da intimidade familiar e, sinceramente, os papéis de algoz e vítima se alternavam. Apesar disso, inequivocamente, eu me percebia incomodado, embaraçado com aquele xingo: “seu viadinho!”. E, com o tempo, tornou-se minha “kriptonita” – o mineral que, nas histórias do herói que eu assistia na TV, tinha o poder de enfraquecê-lo.

Em definitivo, não consigo precisar o momento exato da descoberta fatídica e forçosa, sei que veio pelo “outro” de forma extemporânea. Penso que esses episódios representam o princípio da minha perplexidade e negação ante a diferença; afinal, a oposição do “outro” aflora o conflito da identidade, passando, decerto, pela diferença que, para ser admitida e vivenciada como tal, pressupõe uma correspondência benfazeja por esse “outro” (MELUCCI, 2004).

Todavia, sei que, com pouca idade, a vergonha da própria existência começava a me exaurir e, conforme a minha mobilidade social deixava de depender paulatinamente da família de origem – mas sem abster-me da sustentação do grupo do qual fazia parte - eu era confrontado com a expectativa de achar-me "Todavia, sei que, com pouca idade, a vergonha da própria existência começava a me exaurir[...]" 72 | MEMÓRIA LGBTQ+ dentro de outros sistemas de relações, distinguindo-me e, ao mesmo tempo, sendo reconhecido por esses “outros” (MELUCCI, 2004). Contudo, a alcunha “viadinho” me acompanhava, adquirindo maneiras complementares de ser pronunciada em um processo de retroalimentação, no qual a nova forma de ser dito tinha rescaldo na anterior e assim continuamente. Dessa maneira, sob rompantes, meus irmãos passaram a desdenhosamente apelidar-me de “Juninho” em alusão a um primo distante de nossa mãe – Paulo Jr (nome fictício a fim de preservar o verdadeiro).

Ele era um homem de meia- idade – aproximadamente entre os 40 e os 50 anos – gay, pobre, solitário e alcoólatra, adoecido pelas rejeições e toda forma de

Vergonha da própria existência (sim, eu tive)

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

segregação da qual foi o alvo, o propósito. Morreu quando eu ainda era criança por consequência do alcoolismo, disseram-me à época. Hoje, corrigindo o obituário, presumo que a causa da morte foi o acúmulo de diferentes fatores: o preconceito, o isolamento e a tristeza aguda, pois não há como suportá-los por tanto tempo quando se é o escárnio sem eira nem beira. Era um homem gay contemporâneo da geração assombrada pelas estruturas reacionárias e despóticas; desafiá-las significava zombar dos privilégios da masculinidade, pagando o preço de ser nivelado por baixo. Quando se enfrenta numerosas apreensões da subjetividade, manter a musculatura emocional é improvável.

Conto essa história para segredar a vergonha que eu tinha de ser cotejado e colocado lado a lado com tal parentela. A humilhação desagradável decorria de muitas razões, entretanto, darei ênfase à agressividade que ocupava o lugar da vítima, transformando-me em “superior”, pois aquele vulto não me cabia. Eu não queria sê-lo, desprezava piamente o único parâmetro de homem que gostava de outro homem. Rejeitava-o em segredo. Em voz baixa, tal como uma anciã pesarosa e ressentida, praguejava contra aquele homem, minha vergonha, afinal, eu próprio, sentia vergonha de mim. Daí, a necessidade da máscara, um violento e legítimo modo de sobrevivência que me possibilitou outro personagem, enredado em outra história, da qual só eu tinha conhecimento (TREVISAN, 2017).

Amalgamado ao ser junto e familiar, eu passava a ter vergonha, uma forma anterior à culpa. Nesse momento, tinha “a ver” com o “não-ver”, como os cortinados leves, transparentes e débeis, erguidos em fronteiras, separando os cômodos da casa, escondendo o que somente portas podem encerrar; mas, sabe-se, portas não são sempre intransponíveis. Essa alegoria de cortinas e portas ajuda a elucidar a eclosão da vergonha como um dos efeitos da relação do “mesmo” com o “outro”, “uma semelhança” envergonhada por reconhecer-se como “uma diferença” importuna (PIERRON, 2009)

Vergonha da própria existência (sim, eu tive)

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

A vergonha costumeiramente vem escoltada pelo ímpeto de esconder-se. Para conseguir tal intento, impõe-se um afastamento, exílio. Mas, como alcançar o esconderijo quando se é parte de um projeto ambicioso de “viver junto” em família? Fazer “viver junto” com familiares é, também, o mesmo que viver com “outros” e essa realidade, desdobra-se em pequenos embaraços, desilusões e incômodos

Para fazer-me parte, às vezes – na infância e ainda mais na adolescência –, substitui a realidade por uma lógica delirante a fim de que eu fosse “outro” que não era (PIERRON, 2009). Em função disso os cortinados, os véus "A vergonha costumeiramente vem escoltada pelo ímpeto de esconder-se. Para conseguir tal intento, impõe-se um afastamento, exílio." transparentes e ilusórios, pretendiam ocultar o comportamento vergonhoso e censurável, inclusive, a forçosa; mas, corroborada, e constrangida condição de “bastardo”.

A infância e a história, segundo Rabinovich (2005, p. 122), estão nos primórdios uma da outra, entrelaçadas. A existência do homem enquanto ser histórico dá-se, simplesmente, por haver a infância do homem; isto é, “[...] para falar, ele [o homem] tem necessidade de se expropriar da infância [...]”. De tal modo, voltar à infância, ocasião e “[...] condição necessária para o despertar das primeiras manifestações da vergonha [...]” (LA TAILLE, 2002, p. 18), convenceu-me de que o sentimento de vergonha está na base do problema da inferiorização que é algo mais-do-que-forte entre os negrogays.

A inferiorização mais-do-que-forte é, portanto, estar inferiorizado, não como algo tão somente endógeno, mas um “fora” sancionado à proporção do meu “fora” existencial- mente negativo.

Vergonha da própria existência (sim, eu tive)

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Referências

DONATI, Pierpaolo. Família no século XXI: abordagem relacional. Tradução de João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.

LA TAILLE, Yves de. O Sentimento de Vergonha e suas Relações com a Moralidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2002. Disponível em: . Acesso em: 28 jul. de 2020.

MELUCCI, Alberto. O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global. Tradução de Adriano R. Marinho, et al. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

PERROT, Michelle. O nó e o ninho, *Revista Veja*, 25 anos: reflexões para o futuro. São Paulo, 1993, p. 75-81. Disponível em: Acesso em: 28 jul. de 2020.

PIERRON, Jean-Philippe. *Le climat família: une poétique de la famille*. Paris: Eds du Cerf, 2009.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. *Rev Bras Cresc Desenv Hum*, 15 (2), p. 119-123, 2005. Disponível em: . Acesso em: 28 jul. de 2020.

TREVISAN, João Silvério. *Pai, Pai*. Rio de Janeiro: Alfa- guará, 2017.

SOBRE AS AUTORIAS:

Vergonha da própria existência (sim, eu tive)

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Antonio José de Souza, Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) da Universidade Católica do Salvador (UCSal)

Teólogo/Historiador. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor da Educação Básica do município de Itiúba (BA). Integrante do Laboratório LaPPRuDes – Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (IFBaiano), da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: tonnysouza@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3416-5527>

RECEBIDO em: 12/08/2021

APROVADO em: 09/10/2021